



O ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS SEGUNDO UMA OBSERVADORA PARTICIPANTE

THE CULTURAL ENCOUNTER OF LARANJEIRAS ACCORDING TO A PARTICIPANT OBSERVER

EL ENCUENTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS SEGÚN UNA OBSERVADORA PARTICIPANTE

Beatriz Góis Dantas
Antropóloga e professora emérita da UFS

1. INTRODUÇÃO

Este é um depoimento escrito, que, além das lembranças, incorpora consulta a documentos e anotações. Enfoca três pontos: o contexto em que surge o Encontro Cultural de Laranjeiras (ECL), o Simpósio enquanto espaço de troca de experiências e debates dentro do Encontro e, por fim, os desafios da preservação dos documentos. Para entender-se a importância e, ao mesmo tempo, a continuidade do ECL, considero necessário tratar do contexto em que ele surge e esclarecer o lugar de onde falo.

2. UMA HISTÓRIA DO COMEÇO

Antes da primeira edição do Encontro Cultural de Laranjeiras, ocorrida em maio de 1976, fiz parte de uma reunião na qual se discutiu o evento, sua filosofia e objetivos. Estavam presentes Luiz Antônio Barreto, assessor cultural do governador José Rollemberg Leite, mentor da proposta e figura de proa na realização do evento que anuncia a sua 40ª edição; José Monteiro Sobral, prefeito de Laranjeiras; Bráulio do Nascimento, diretor da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFBB), órgão do governo federal sediado no Rio de Janeiro; Jackson da Silva Lima, folclorista sergipano laureado com o Prêmio Sílvio Romero (CDFB-1972), que então reorganizava a Comissão Sergipana de Folclore (CSF), da qual se tornou presidente, e eu, à época, membro da referida Comissão, professora de Antropologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), pesquisadora do folclore de Laranjeiras e autora do livro *Taieira de Sergipe* (1972). Não recordo se havia outros participantes nessa reunião que ocorreu na Biblioteca Pública Epifânio Dória numa noite do mês de março de 1976.

Duas vozes dissonantes se fizeram ouvir na reunião: a do prefeito de Laranjeiras e a minha. Ambos, embora considerassem o evento auspicioso, não concordavam com a data escolhida: mês de maio. O argumento do prefeito era a condição climática da cidade, em geral sujeita a muita chuva nessa estação do ano, imprópria, portanto, para uma festa a céu aberto. Eu me firmei em argumentos de ordem sociocultural, defendendo a realização do evento na época em que os grupos folclóricos costumavam apresentar-se na cidade – festa de São Benedito –, realizada no início de janeiro. Minha posição era que o Encontro devia incorporar a tradição local, sem necessidade de alterar calendários de trabalho e de festas.

Por essa época, eu tinha certo conhecimento da vida de Laranjeiras, onde pesquisava desde 1969. Meu interesse inicial pelos grupos folclóricos logo se ampliou para a história e o patrimônio arquitetônico da cidade quando, em 1970, implantei o Departamento de Cultura e Patrimônio Histórico (DCPH), órgão recém-criado na Secretaria de Educação do Estado. Desse modo, convivendo com diferentes segmentos da sociedade laranjeirense, ora como representante de um órgão público que procurava mapear o campo cultural com o objetivo de implementar políticas culturais, mas, sobretudo como pesquisadora que se movimentava entre as camadas populares, eu ouvia de uns e de outros lamentos ou brados de revolta pelo marasmo em que vivia a cidade, antigamente conhecida pela efervescência de sua vida cultural, razão pela qual fora cognominada *Atenas Sergipana*.

No início dos anos 70, havia em Laranjeiras um clima de desânimo e de ressentimento, alegando-se que as atenções governamentais se concentravam em São Cristóvão, a antiga capital, a *Cidade Monumento* que se tornara objeto de atenções especiais. Nela fora instalado, em 1960, o Museu Histórico de Sergipe, incorporando peças de proveniências diversas, entre as quais antigas instituições como o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), sediado na capital, e a antiga Casa de Laranjeiras. Esta era uma entidade que ganhara vida na administração municipal de Francisco Bragança, na década de 40, reunira importante acervo histórico, mas não se sustentara nos anos subsequentes. As melhores peças da antiga Casa de Laranjeiras foram levadas para o Museu Histórico de São Cristóvão, cidade colonial para onde eram encaminhados os poucos turistas e as autoridades que visitavam Sergipe.

Esse sentimento de preterição e de abandono se tornou mais denso e ganhou expressão formalizada quando o jornalista Pedro Paulo Valverde, radicado no Sudeste, retornou a Laranjeiras, sua terra natal. Imbuído do ideário dos governos militares da época, em que patrimônio histórico, folclore e artesanato entravam como componentes de uma política voltada para incrementar o turismo, ele assumiu a causa de revitalização da cidade. Esse mesmo ideário logo foi apropriado



pelas lideranças políticas locais, entre as quais o próprio Valverde, que se tornou vice-prefeito e também dono do jornal *Alavanca*, cujo nome expressava os projetos para reerguer a cidade, devolvendo-lhe o brilho do passado.

Era evidente que Laranjeiras tinha potencial para tornar-se um centro capaz de atrair turistas. Perto de Aracaju, a bela cidade do século XIX, com sobrados e muitas igrejas mal conservadas, mas de pé, era detentora de um harmonioso conjunto arquitetônico, em razão de que foi tombada como *Cidade Monumento* pelo Governo Estadual (1971). Diante dela, o então Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, em visita ao lugar no ano de 1972, deslumbrado, denominou-a *Museu a céu aberto*. Essa frase foi apropriada pelos laranjeirenses com muito orgulho e ganhou status de bandeira em favor da restauração da cidade.

Ao lado do patrimônio de pedra e cal, havia um rico e variado folclore, centrado, sobretudo, na Festa de São Benedito, realizada em janeiro, mês de férias, promissor para o turismo. Além do mais, havia uma população carente de emprego que poderia ser encaminhada para a produção de artesanato capaz de interessar aos visitantes e gerar renda. O turismo estava, pois, no horizonte dos laranjeirenses.

O potencial da cidade logo foi percebido pelas lideranças políticas das três esferas de poder. O Governo Estadual, a Prefeitura, a UFS e a Escola Técnica se juntaram para elaborar um *Plano de Restauração, Preservação e Valorização do Patrimônio Histórico e Cultural de Laranjeiras* (Sergipe, 1972). Como representante da Universidade, fiz parte da comissão que elaborou esse documento no qual, entre outras medidas, se sugeria a criação de um festival folclórico na época da Festa de São Benedito. A Empresa Sergipana de Turismo (EMSETUR), criada em 1972, voltou os olhos para a cidade e algumas ações passaram a ser desenvolvidas.

Eu vislumbrava em Laranjeiras uma imensa riqueza do ponto de vista da cultura. Embora me inquietasse com a falta de perspectiva para a população local, meu interesse maior era conhecer, estudar e documentar as expressões populares, abrangidas sob a rubrica de folclore. A isto me dediquei desde 1969, quando iniciei a pesquisa sobre a Taieira e dei continuidade com a Chegança e a Dança de São Gonçalo, folguedos sobre os quais publiquei pequenos trabalhos. Com minha formação de antropóloga, procurava respeitar os atores sociais e seus contextos de apresentação, e defendia que as intervenções a serem feitas deveriam sê-lo com o mínimo possível de interferência externa, uma vez que a comunidade já tinha um período próprio de festejos encaixado em um calendário vigente pelo menos desde o começo do século XX. Daí a minha discordância sobre a data do evento.

Na reunião, fui voto vencido e o I Encontro Cultural ocorreu em maio, debaixo de chuva, com grupos apresentando-se sob a lona de um circo, quando o seu espaço tradicional eram as igrejas e as ruas iluminadas pelo sol nordestino do início de janeiro, época em que festejavam alegremente São Benedito e Nossa Senhora do Rosário.

No ano seguinte, fez-se a correção de rumo, e a partir de então, o ECL, promovido pelo Governo de Sergipe, Conselho Estadual de Cultura, Prefeitura de Laranjeiras, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, apoiado pela UFS e pela Comissão Sergipana de Folclore, realizado em janeiro, ganhou força e nos últimos 39 anos tem ocorrido sem interrupções, ganhando diferentes formatos e fazendo novas parcerias a cada edição.

Firmou-se e atravessou o tempo, sobreviveu à época dos grandes festivais que na década de 70 foram criados em vários estados, como foi o caso do Festival de Marechal Deodoro em Alagoas, promovido pela UFAL, e o Festival de Arte de São Cristóvão-SE (FASC), criado pela UFS (1972), que depois de somar sucessos por muitos anos, deixou de existir.

3. O PERFIL DO ECL E SEU LUGAR NO PROCESSO DE RENASCIMENTO DE LARANJEIRAS

Ao contrário do FASC, que tinha uma proposta abrangente no sentido de incluir artes eruditas e populares e promover um largo intercâmbio com centros prestigiados de produção cultural renomada, o ECL tinha a produção cultural de Laranjeiras como seu foco de interesse inicial, e como tal centrava-se na cultura popular. Embora tenha alargado seu horizonte, tornando-se palco para apresentações folclóricas de todo o estado e mesmo do Brasil, jamais perdeu o vínculo com a produção folclórica local, mesmo quando passou a dividir espaço com os grandes shows de bandas que mobilizam as massas, tão vilipendiados pelos puristas da cultura e motivo de tantas discordâncias.

Talvez por não ter aberto mão da sua raiz, transformou-se em sinal distintivo da cidade, que agora ostenta com orgulho seu novo título de *Capital da Cultura Popular* sem se sentir desprestigiada, nem ofuscada por São Cristóvão, portanto sem nenhum motivo nem espaço para os queixumes dos anos 70.

Entre 1971, ano em que Laranjeiras tornou-se patrimônio histórico tombado pelo Estado, e 1976, ano do I Encontro Cultural, alguns feitos no campo da cultura devem ser lembrados, devido às repercussões que tiveram na cidade. No plano federal, o governo criou o *Programa de Integração e Reconstituição das Cidades Históricas do Nordeste* (1973), e Laranjeiras se beneficiou dos recursos que foram canalizados para a área de patrimônio arquitetônico. Contou com um Plano



Urbanístico elaborado por equipe de especialistas da Universidade Federal da Bahia (1975) e, aos poucos, renovou-se o visual da cidade através das restaurações de ruas, igrejas e prédios mais significativos. Considerada como centro de forte presença negra, Laranjeiras passou a contar com o Museu Afro-brasileiro, inaugurado em 1976 durante a abertura do I Encontro. O GRFACACA, um grupo de folclore e arte cênica, dirigido por José Severo Santos, que atuava com patrocínio da Prefeitura, divulgava as coisas da terra, fazendo folhetos com informações sobre a cidade e as expressões folclóricas locais, que eram distribuídos aos visitantes, numa ação que visava transformar Laranjeiras num polo turístico.

Na abertura oficial do I Encontro, o tom dos discursos permite captar as esperanças nele postas enquanto catalizador de renovação da vida cultural da cidade. Alguns trechos transcritos por Bráulio do Nascimento são reveladores. Dizia o prefeito: “Aos laranjeirenses trago uma palavra de apelo, de encorajamento, no sentido de que a iniciativa florida nos corações de todos [...] [seja] o despontar de muitas outras manifestações culturais que virão [...]”. (NASCIMENTO, 1996).

Acorda Laranjeiras foi o título da bela e emblemática fala-poesia do presidente do Conselho Estadual de Cultura, Antônio Garcia Filho, na abertura oficial do evento. Rememorando as glórias do passado, exortou a cidade alertando que “que nem milenar é teu sono”, para afinal concluir: “Acorda, Laranjeiras! Sergipe te contempla! Laranjeiras acorda! O Brasil te enaltece” (NASCIMENTO, 2005).

Enquanto um jornal de Aracaju era porta-voz das lamúrias de setores da sociedade ainda descrente do potencial do ECL (*Diário de Aracaju*, 06.01.1977), o jornal de Laranjeiras, com o sugestivo nome de *Alavanca*, sintetizava o novo momento e as expectativas dos laranjeirenses. Estes logo viram ampliarem-se as restaurações do casario e igrejas da cidade patrocinadas por entidades diversas, iniciativa que culmina com a ação do IPHAN e suporte do Programa Monumenta restaurando velhos trapiches onde se instala, em 2009, um Campus da UFS criado dois anos antes. Desde 1996, Laranjeiras fora elevada à condição de patrimônio nacional. Antes disso, porém, vieram fábricas de cimento e exploração de minérios e a retomada da esperança de novos tempos áureos.

Desse modo, vejo o ECL como um evento que ajudou a reconstruir a identidade dos laranjeirenses num momento difícil para a cidade, ao tempo em que dava aos grupos folclóricos um suporte de visibilidade, reconhecimento e continuidade.

4. PRESENÇA SELETIVA NO ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS

O ECL nasceu como um evento multifacetado destinado ao estudo, à divulgação e à valorização da cultura popular. Assim, ao lado das apresentações de grupos folclóricos que atraem as atenções, há o Simpósio, que, reunindo estudiosos de diferentes estados, manteve-se ininterruptamente como uma das atividades básicas do Encontro. Oficinas, cursos, exposições diversas, peças de teatro e uma miríade de outras atividades culturais constam da programação oficial, que com o passar dos anos foi ampliada com shows musicais de bandas e trios, incorporando elementos da cultura de massa.

Ao longo de 39 anos, apenas quatro ou cinco vezes desloquei-me de Aracaju para assistir à abertura oficial do ECL e a festa que avançava noite adentro, com sua imensa variedade de apresentações de grupos que sobem aos palcos, desfilam pelas ruas, dividem espaço com outras atrações, gerando uma multiplicidade de situações que fazem a alegria e a diversão dos milhares de participantes.

Continuei a acompanhar as apresentações da Taieira na igreja para coroar suas rainhas, vendo os embates com alguns elementos do clero, as mudanças que necessariamente ocorriam ao sabor da dinâmica própria da vida que permeia esses grupos e os fazem interagir com a sociedade em que se inserem. Durante mais de três décadas, mantive minha contraparte na relação de dons e contradons estabelecida com Bilina e seu grupo de Taieira em 1969, quando iniciei as pesquisas em Laranjeiras, enviando-lhes contribuição para o almoço ou lanche das dançarinas no dia da apresentação na Igreja de São Benedito. Foi a maneira que encontrei de retribuir as atenções das dançarinas, fazendo uso das próprias regras do grupo, no qual a refeição coletiva no dia da festa de São Benedito tornara-se um encargo da dirigente partilhado com seu círculo de seguidores e de amigos. Esse compromisso foi mantido com suas sucessoras, até que a presença oficial e as ajudas de entidades outras se tornaram mais visíveis para a manutenção do grupo e dei por encerrada a minha contraparte sob a forma de alimentos.

Outro modo de minha inserção no ECL foram as exposições, sobretudo as fotográficas e temáticas que figuravam em espaços culturais da cidade durante o evento. Nestas se sobressaía uma proposta didática de divulgação e informação sobre o que estava sendo mostrado nas ruas ou sobre elementos nucleares da vida local. Com Verônica Nunes, partilhei a concepção e montagem de algumas mostras que encontraram em Sônia Carvalho, durante anos diretora da Casa João Ribeiro, uma incentivadora e eficiente gestora no sentido de viabilizar a materialização das ideias dos outros. As exposições *O nagô de Bilina*, *São Benedito* e *Nossa Senhora do Rosário*, dentre outras, servem



de exemplo a essa tarefa coletiva prazerosamente dividida com companheiras de trabalho e de sonhos.

Noutras vezes, participei de projetos alheios escrevendo, a pedido, textos para muitas exposições realizadas por Janaína Couvo Aguiar, estudiosa dos cultos afro-sergipanos; ou do artista Márcio Garcez, mago das lentes a captar a beleza dos Lambe-sujos e outras expressões populares da cidade. Contribuí também com a mostra organizada pela Secretaria de Cultura para celebrar os 25 anos do ECL. Todavia, o Simpósio foi o espaço onde me fiz presente com mais assiduidade.

5. SIMPÓSIO, ESPAÇO PLURAL E MUTANTE

Uma característica do Simpósio desde a primeira edição foi reunir intelectuais da terra e gente de fora para apresentar e debater um tema previamente selecionado, gerando uma troca de experiência muito enriquecedora. Esse foi o espaço privilegiado de minha participação no Encontro, seja como palestrante, debatedora ou ouvinte na plateia.

No I ECL, quando a reunião de intelectuais tomava a denominação de Colóquio, apresentei um texto intitulado *Considerações sobre tempo e contexto de autos e danças folclóricas de Laranjeiras*, mais tarde publicado na Revista do Instituto Histórico de Sergipe. Já no II ECL, fui debatedora. Em ambos, foram lançados *Cadernos de Folclore* editados pela CDFB, resultados das minhas pesquisas na cidade, ao lado de outras publicações.

Nos anos seguintes, a minha presença se tornou rarefeita por razões diversas, como afastamento da cidade para cursar mestrado na Unicamp (SP), ou mesmo desinteresse pelos temas trabalhados. No entanto, a partir de 1984, quando se discutiu a religiosidade popular, voltei a participar do Simpósio, e desde então o tenho feito com relativa assiduidade.

Em algumas oportunidades, quando consultada pela comissão organizadora fiz sugestão de palestrantes, contudo, apenas incidentalmente tive atuação direta na organização das Mesas no sentido de convidar expositores e debatedores. No ano de 2000, exatamente quando o Encontro completava 25 anos, o Simpósio foi ameaçado de interrupção. Poucas semanas antes do evento, uma crise política culminou com o afastamento do então Secretário de Educação Luiz Antônio Barreto, inviabilizando recursos para financiamento dos convidados externos, palestrantes do Simpósio. Naquele momento, em curtíssimo espaço de tempo, contou-se com a adesão de pessoas da comunidade, de professores e estudantes da UFS. Desse modo, Aglaé Fontes Alencar, Beatriz Góis Dantas, Carlos França, Carlos Nascimento, Eufrázia Cristina Menezes Santos, Fernando Aguiar, Fernando Lins de Carvalho, Hélia Maria de Paula Barreto, Janaína Couvo Teixeira Aguiar, José Maria Silva Lilian Monteiro França, Lúcio Meneses, Pérciles Andrade, Verônica Maria

Menezes Nunes entre outros fizeram palestras e debateram o tema do ano: Ritos, Mitos e Tradições, assegurando a continuidade do evento e evidenciando seu enraizamento na sociedade sergipana.

As várias edições do Simpósio se abrigaram em diferentes espaços como igrejas, câmara de vereadores, clube social, Escola Zizinha Guimarães e, afinal, no Campus da UFS.

Ao longo do tempo, ele teve duração variada. Iniciando-se com duas ou quatro Mesas ao longo de um dia, foi ampliando seu espaço à medida que o Encontro se firmava e na atualidade distribui-se por três dias. Na última sessão do evento, escolhia-se o tema para o próximo ano. Ainda que ele pudesse ser formulado por um pequeno grupo, havia possibilidades de surgirem novas propostas durante as discussões e o tema era decidido pelo voto dos presentes.

O Simpósio sempre foi temático e, no início, seguiu a classificação do folclore feita pelos especialistas: medicina popular, culinária, lúdica infantil, artesanato, literatura e assim por diante. Para apresentá-los e debater os assuntos, sempre se convidava alguém de fora para dar mais destaque ao evento. Ao lado desses convidados, em geral especialistas na área temática que estava sendo debatida, foi se constituindo um núcleo de palestrantes e debatedores cuja presença se tornou quase cativa: Bráulio do Nascimento, do Rio de Janeiro; Roberto Benjamim, de Pernambuco; Osvaldo Trigueiros, da Paraíba; ao lado do grupo local. Neste, além de Luiz Antônio Barreto, era presença constante na fase inicial, sobretudo, Jackson da Silva Lima e Aglaé Fontes Alencar. Tornei-me presença mais frequente a partir de meados da década de 80, do mesmo modo que Núbia Marques.

A relação dos palestrantes e debatedores do Simpósio é imensa e precisa ser organizada sistematicamente. Bráulio do Nascimento, que além de ter sido elemento chave na criação do Encontro, preocupou-se em registrar a memória do Simpósio num texto de avaliação dos 20 anos do Encontro Cultural, informa que mais de uma centena e meia de especialistas provenientes de 16 estados tiveram presença no evento. Este é um assunto que, a meu ver, mereceria um catálogo, porque ele dá a dimensão de como o Simpósio foi um espaço em que participaram intelectuais destacados de várias partes do país, personalidades ligadas a importantes instituições universitárias, especializados em vários campos do saber, notadamente antropologia, sociologia, psicologia, comunicação social, história, geografia, etnobotânica, literatura, dança, música, teatro, pintura e não apenas pessoas ligadas aos estudos de folclore, como se dizia, com certo desdém. Por outro lado, essa relação de pessoas convidadas também indica a dinâmica do evento e as relações de força política em sua organização.

Pode-se tomar como exemplo o Simpósio realizado durante o IX ECL, no ano de 1984, cujo tema foi Religiosidade Popular. Entre expositores e debatedores, estavam antropólogos,



historiadores e sociólogos de renome a exemplo de Roberto Mota e João Hélio Mendonça da Fundação Joaquim Nabuco (PE); Thales de Azevedo, da UFBA; Eduardo Diatahy, da UFCE; Cândido Procópio Ferreira de Camargo, da USP; Áureo Bispo do Santos, da UFPE; além do pessoal da terra: Eurico Amado, Luiz Antônio Barreto, José Valfran de Brito, Aglaé Fontes de Alencar, Francisco José Alves dos Santos, Frei Francesco Pecorare, Maria Thétis Nunes, Luís Alberto dos Santos, Fernando Lins de Carvalho e Beatriz Góis Dantas, todos de Sergipe e quase todos professores da UFS. Em quatro Mesas Redondas, concentradas num único dia (sábado), discutiu-se o sincretismo religioso, o folguedo e a religiosidade popular, o tradicionalismo católico no Nordeste e em Sergipe, agregando os pesquisadores locais e os vindos de fora trazendo sua contribuição ao debate com a produção acadêmica de centros renomados de pesquisa.

Na década de 90, a relação de palestrantes se ampliou com a participação de intelectuais estrangeiros provenientes de Portugal, Espanha, Itália, França, Estados Unidos, México, Argentina e Chile (NASCIMENTO, 2005). Eram, sobretudo, intelectuais que vinham como convidados para as Jornadas Sergipanas de Estudos Medievais, patrocinadas pelo Governo de Sergipe na segunda metade dos anos 90, que também participavam do ECL.

Uma simples leitura dos programas do Simpósio mostra que, esgotada a lista de categorias folclóricas, abriu-se um leque de temas que incorporava questões mais amplas, como *A contribuição do negro à cultura brasileira* trabalhado em 1988, quando o ECL abriu as comemorações oficiais do ano do Centenário da Abolição. Vigorou um tom de denúncia sobre a situação do negro na sociedade brasileira, assim como apresentações de artistas e destacados políticos, atores sociais importantes, sobretudo naquele momento em que se votava a Constituição cidadã, com suas propostas de inclusão étnica e social.

O reflexo dos movimentos da sociedade e seus delineamentos políticos sobre o Simpósio se tornaram mais visíveis 20 anos mais tarde, quando o PT assumiu o Governo do Estado e a organização do Encontro, e os movimentos sociais passaram a ter presença marcante na sociedade, através da segmentação étnica, dentre outras. Em 2008, o deslocamento parcial do evento para a Mussuca, área rural de Laranjeiras reconhecida oficialmente como quilombo em 2009, foi muito expressivo no sentido de vincar a marca da identidade quilombola em construção. Se antes atores populares estiveram algumas vezes nas Mesas do Simpósio e foram alvo de homenagens, naquele momento eles dominaram a cena. Alguns investiram contra a presença dos intelectuais, conseguindo desalojar o núcleo original de pessoas que criaram o ECL, sobretudo aqueles etiquetados como folcloristas, com o caráter pejorativo agregado a esse termo.

Houve quem visse no ocorrido o fim do Encontro Cultural. Esse momento crucial foi analisado por Luciana Aguiar em livro a ser lançado durante as comemorações do XL Encontro. Luiz Antônio Barreto, a grande estrela desde a criação do evento, não mais apareceu na ribalta dos palanques oficiais ou nas Mesas do Simpósio, nem mesmo quando, anos depois, se fez a reaproximação com alguns folcloristas, como Aglaé Fontes Alencar. Ativa participante da primeira edição do evento e organizadora de tantos outros durante a década de 90, na condição de secretária de Cultura do Estado, Aglaé, agora presidente da Comissão Nacional de Folclore e da Comissão Sergipana de Folclore, retomou sua presença no evento. No XXXVIII ECL, em 2013, fez a palestra de abertura do Simpósio, durante o qual se prestou homenagem à memória de Luiz Antônio Barreto, falecido no ano anterior.

No âmbito federal, o termo folclore se tornou invisível no Plano Nacional de Cultura (2007), eclipsado pelo Patrimônio Imaterial, tema recorrente nas Mesas do Simpósio nos últimos anos, bem como a globalização, a mídia e o turismo em anos precedentes. (Ver em anexo uma relação dos temas trabalhados no Simpósio ao longo de sua duração).

De início, o público do evento era pequeno. As palestras e discussões não despertavam interesse dos habitantes da cidade, a não ser de alguns professores, gestores municipais e um ou outro cidadão aficionado pela história e pelas tradições locais, a exemplo de Antônio Gomes, o escrivão do cartório. Às vezes me dava impressão que aquele evento era em Laranjeiras, mas não se destinava ao público da cidade. Cheguei a sugerir que, ao lado das discussões mais acadêmicas, se promovesse um curso ou oficina para professores, habilitando-os a trabalhar adequadamente o folclore local com seus alunos. Alguns palestrantes externos eram da mesma opinião e chegaram a se prontificar a contribuir com ações que atingisse a população local mais diretamente.

Com a ampliação dos cursos de nível superior e, sobretudo com as pós-graduações, ampliou-se o público do Simpósio, que, além dos universitários sergipanos, em alguns anos chegou a atrair caravanas de estudantes de faculdades do sul da Bahia e alunos avulsos de universidades do Sudeste. A análise dos dados colhidos pelos organizadores do ECL ao longo de muitos anos permitiria traçar com objetividade o perfil do público do Simpósio, na atualidade muito expressivo e engrossado pelos universitários do Campus da UFS em Laranjeiras.

Essas são algumas das muitas mudanças, que, na minha visão de observadora participante, têm atingido o evento na sua longa trajetória e na relação de forças que marcam a cultura, uma arena onde se defrontam interesses diversos.



6. MEMÓRIA, DOCUMENTOS E ESTUDOS

A preocupação com a construção/preservação da memória do ECL perpassou o Simpósio em várias oportunidades, levantada por diferentes estudiosos, sobretudo nos debates. Está registrada nos poucos anais do evento que lograram edição (1976-1977 e 1995-1999), particularmente naqueles que foram organizados por Bráulio do Nascimento a partir de 1995, quando o ECL já se firmara como uma experiência bem-sucedida e, segundo sua avaliação, não seria possível “falar do desenvolvimento dos estudos de cultura popular no Brasil sem passar por Laranjeiras” (NASCIMENTO, 1996, p. 11).

A guarda e a conservação da ampla documentação gerada ao longo dos 39 anos do ECL são preocupações que me acompanham desde muito tempo. Expressei-as em várias oportunidades, ensaiei algumas iniciativas sem sucesso e registrei isso em recente publicação que escrevi em homenagem aos brincantes populares de Laranjeiras intitulada *Mensageiros do lúdico* (2013), transcrita parcialmente a seguir com alguns acréscimos.

O Encontro Cultural, que logo mais completará 40 anos de realização ininterrupta, feito considerável num país de muitos eventos fortuitos e passageiros, exige de quem se dispõe a pesquisá-lo o exercício de busca de dados em órgãos diversos das cidades de Laranjeiras e Aracaju, onde a maior parte dos arquivos não está organizada de modo a atender adequadamente aos interessados. Não obstante a publicação de anais do Simpósio referentes a algumas edições do evento, muito resta a ser localizado, armazenado e preservado. Cabe indagar onde estão as centenas de horas de gravação de som e imagem realizadas ao longo dos anos, registrando espaços e diferentes momentos da festa. Foram guardados os programas onde é possível recuperar as diversas atividades desenvolvidas, nomes de palestrantes e debatedores, grupos folclóricos e outras atrações que participaram do Encontro ao longo dos anos? Será que a documentação referente à organização do evento envolvendo diferentes entidades está preservada?

Boa parte dessa memória tem sido resgatada através da oralidade, pois se constitui em lembranças de antigos organizadores do evento, registradas por pesquisadores em obras nem sempre acessíveis ao grande público e, muito menos, aos moradores da cidade. Importante lembrar que a geração que criou e organizou os primeiros Encontros já sofreu baixas significativas, levando consigo suas experiências e recordações. As entrevistas que foram registradas com intelectuais e brincantes, e existem muitas, chegam até nós em doses homeopáticas como transcrições de partes selecionadas e destacadas pelos pesquisadores. Por que não se tem um banco de dados com esse material riquíssimo que poderá subsidiar muitos outros trabalhos e preservar para a posteridade as

falas, as imagens e a memória local através dos diversos atores sociais que aí interagiram ao longo do tempo?

Com a morte de Luiz Antônio, que durante tantos anos esteve à frente do ECL, uma nova questão se coloca. Sabe-se que ele criou entidades culturais, como o Pesquise e o Instituto Tobias Barreto, sendo um dos seus objetivos a preservação de documentação sobre Sergipe. Este acervo encontra-se hoje na Universidade Tiradentes (UNIT) e contém material sobre o ECL. Está catalogado? É disponibilizado aos pesquisadores externos?

Outras indagações se colocam referentes ao conhecimento e à divulgação do que se produziu sobre o Encontro Cultural. Verônica Nunes fez um trabalho pioneiro ao escrever, em 1993, dissertação de mestrado intitulada *Laranjeiras: de cidade histórica a Encontro Cultural: busca de elementos para integração da ação cultural*, trabalho que não teve a divulgação merecida. Outros autores têm se ocupado do tema, a exemplo de Bráulio do Nascimento, que fez uma retrospectiva geral do evento, por ocasião dos 20 anos do ECL e repetiu o feito por ocasião do 30º aniversário do evento em 2005, publicando um folheto em que atualiza as informações. Conheço alguns trabalhos acadêmicos que enfocam o Encontro. José Ribeiro Filho fez dissertação defendida no mestrado de Sociologia na UFS em 2008, sob o título *Eventos públicos e privados: a elaboração de políticas culturais voltadas para a realização da festa*, enquanto Luciana Aguiar escreveu *Celebração e estudos de folclore brasileiro: o Encontro Cultural de Laranjeiras (Sergipe)*, dissertação apresentada na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) em 2011, que deverá ser lançada como livro pela Editora do Diário Oficial, por ocasião dos 40 anos do Encontro. Aline Santos Cruz, uma graduada em História da UFS, fez um paciente trabalho de fichamento das notícias sobre o evento em sua monografia de 2009, intitulada *Notícias do Encontro Cultural de Laranjeiras nos jornais sergipanos (1976-2000)*. Isso evidentemente não esgota o assunto. Muito mais deve existir nas listas de monografias, dissertações e teses produzidas em diversos lugares, com divulgação reduzida e acesso difícil ao público fora do circuito universitário.

Ter esse conhecimento identificado, armazenado e preservado juntamente com as falas e os relatos dos brincantes e dos mestres é a forma de se resguardar uma memória sobre as expressões culturais locais e estabelecer um feedback para avaliar a repercussão do que se faz em Laranjeiras, durante 40 anos, em tempos marcados pelo avanço da globalização. Nessa linha de raciocínio, a presente publicação contendo depoimentos de pessoas que participaram do ECL é uma iniciativa que merece aplausos e suscita anseios de continuidade.

Como cidadã laranjeirense, título que recebi em 1997 com muita honra, mas, sobretudo, como pesquisadora que fez de Laranjeiras seu lócus preferencial de trabalho, sinto-me muito feliz



em ver os novos tempos da cidade, com suas fábricas, seu patrimônio arquitetônico restaurado, seus grupos folclóricos atuantes e, principalmente, com um Campus da Universidade Federal de Sergipe instalado na autodenominada *Capital da Cultura Popular*.

Aracaju, outubro de 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Luciana, Celebração e estudos de folclore brasileiro: o Encontro Cultural de Laranjeiras (Sergipe). **Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia)** – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2011.

CRUZ, Aline Santos, Notícias do Encontro Cultural de Laranjeiras nos jornais sergipanos (1976-2000). **Monografia do Curso de História da UFS**, São Cristóvão, 2009.

DANTAS, Beatriz Góis, **Mensageiros do lúdico**. Aracaju: Criação, 2013.

NASCIMENTO, Bráulio do (Org.), **Encontro Cultural de Laranjeiras, 20 anos**. Aracaju: Secretaria Especial da Cultura. 1996.

NASCIMENTO, Bráulio do, **Laranjeiras, 30 anos de Folclore**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 2005.

NUNES, Verônica Maria Meneses, Laranjeiras: de cidade histórica a Encontro Cultural. Busca de elementos para integração da ação cultural. **Dissertação (Mestrado em Administração de Centros Culturais)**, Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

RIBEIRO FILHO, José, **Eventos públicos e privados: a elaboração de políticas culturais voltadas para a realização da festa**. **Dissertação (Mestrado em Sociologia)** – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2008.

SERGIPE, Governo do Estado. **Plano de restauração, preservação e valorização do patrimônio histórico e cultural de Laranjeiras**. Relatório da Comissão. Aracaju: SEC, 1972.

ANEXO 1.

ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS: TEMAS DO SIMPÓSIO

Encontro	Ano	Temática
I	1976	Folclore
II	1977	Linguagem Popular
III	1978	Medicina Popular
IV	1979	Culinária
V	1980	Lúdica Infantil
VI	1981	Artesanato Brasileiro
VII	1982	Literatura de Cordel
VIII	1983	Música Folclórica
IX	1984	Religiosidade Popular
X	1985	Conto Popular
XI	1986	Poética Popular
XII	1987	Danças e Folguedos
XIII	1988	O Negro e a Contribuição à Cultura Brasileira
XIV	1989	Cultura Afro-Brasileira
XV	1990	Dinâmica do Folclore
XVI	1991	Credíes e Superstições
XVII	1992	Folclore latino-Americano: Convergências
XVII	1993	Cultura Popular e Comunicação de Massa
XIX	1994	Cultura Popular e Contexto do Trabalho
XX	1995	Projeção Folclórica
XXI	1996	Globalização da Cultura, Folclores e Identidade Regional
XXII	1997	Folclore: Novos Caminhos da Pesquisa
XXIII	1998	Folclore Infantil
XXIV	1999	Folclore o Sagrado e o Profano
XXV	2000	Mitos, Ritos e Tradições
XXVI	2001	Cultura Popular – Identidade, Tradição e Globalização
XXVII	2002	A Fabricação da Cultura: Apropriação e Expropriação
XXVIII	2003	Folclore: Permanência e Transformação
XXIX	2004	A poética e a Literatura de Cordel
XXX	2005	O Folclore dos Movimentos Sociais e o Poder Comunicante do Folclore
XXXI	2006	Os bens Imateriais
XXXII	2007	Folclore, Mídia e Turismo
XXXIII	2008	Quilombolas e Identidade Cultural
XXXIV	2009	Política Cultural: Cidadania e Identidade
XXXV	2010	Patrimônio Cultural: Pilar do desenvolvimento



XXXVI	2011	Patrimônio Imaterial e a Era Digital
XXXVII	2012	Patrimônio Cultural, Consciência da Preservação
XXXVIII	2013	Lúdica: Poder Comunicante
XXXIX	2014	Cultura Popular: Preservação e Sustentabilidade
XL	2015	O Pulsar da Cultura: 40 anos do Encontro Cultural de Laranjeiras

Recebido em 15 de junho de 2015
Aprovado em 30 de junho de 2015